



SEÇÃO:

Pertença, estereótipo e cisão - rudimentos de fronteiras: um recorte hermenêutico, a partir da formação do Judaísmo Primitivo

Pertenencia, estereotipos y rupturas - rudimentos de las fronteras: un corte hermenéutico de la formación del Judaísmo Primitivo

Belonging, stereotype and split - border rudiments: a hermeneutic cut, from the formation of Primitive Judaism

Omar João da Silva¹

orcid.org/0000-0002-5908-9658
omar.adbelem@gmail.com

Recebido em: 9/12/2019.

Aprovado em: 18/3/2020.

Publicado em: 23/12/2020.

Resumo: Este breve artigo, têm como objetivo discorrer sobre elementos constituintes de identidades que geram e criam fronteiras, mediante processos dicotômicos, concepções binárias e discursos de transformações, mudanças, originalidade e liberação parcial do sagrado. Para esse fim, nossa análise se valerá de aspectos sociológicos, filosóficos e hermenêuticos. A análise que aqui faremos, trata-se de um recorte interpretativo, a partir das chamadas "memórias de Neemias" e sua importância no processo de formação da identidade da nova comunidade judaíta, que culminou no surgimento do Judaísmo Primitivo. Dentre outras possibilidades, destacamos três elementos característicos e presentes na concepção e na formação dessa nova identidade, a saber: a ficção de pertença, estereótipos e rupturas (cisão). Concluimos que nos processos de formação da identidade de grupos religiosos, duas frentes são indispensáveis: 1) o próprio elemento religioso; e 2) o elemento político.

Palavras-chave: Judaitas. Estrangeiros. Fronteira. Neemias. Identidade.

Resumen: Este breve artículo tiene como objetivo discutir los elementos constitutivos de las identidades que generan y crean fronteras, a través de procesos dicotómicos, concepciones binarias y discursos de transformaciones, cambios, originalidad y liberación parcial de lo sagrado. Para ello, nuestro análisis utilizará aspectos sociológicos, filosóficos y hermenéuticos. El análisis que haremos aquí es un extracto interpretativo, de los llamados "recuerdos de Nehemías" y su importancia en el proceso de formación de la identidad de la nueva comunidad judaíta, que culminó con el surgimiento del judaísmo primitivo. Entre otras posibilidades, destacamos tres elementos característicos presentes en la concepción y formación de esta nueva identidad, a saber: ficción de pertenencia, estereotipos y rupturas (división). Concluimos que en los procesos de formación de la identidad de los grupos religiosos, dos frentes son indispensables: (1) el propio elemento religioso y; 2) el elemento político.

Palabras clave: Judaitas. Extranjeros. Frontera. Nehemias. Identidad.

Abstract: This brief article aims to discuss elements constituting identities that generate and create borders, through dichotomous processes, binary conceptions and discourses of transformations, changes, originality and partial liberation of the sacred. To this end, our analysis will draw on sociological, philosophical and hermeneutic aspects. The analysis that we will make here is an interpretive cut, based on the so-called "memories of Nehemiah" and its importance in the process of identity formation of the new Jewish community, which culminated in the emergence of Primitive Judaism. Among other possibilities, we highlight three characteristic elements present in the conception and formation of this new identity, namely: the fiction of belonging, stereotypes and ruptures (scission). We



¹ Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

conclude that in the identity formation processes of religious groups, two fronts are indispensable: (1) the religious element itself and; (2) the political element.

Keywords: Jewish. Foreign. Border. Nehemiah. Identity.

Introdução

"Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir da qual algo começa a se fazer presente".

(Martin Heidegger)

Entre os movimentos característicos inerentes aos espaços fronteiriços, temos a locomoção, o trânsito da "aproximação" e do "distanciamento". Em muitos casos, a fronteira em si, é significada como um lugar de referência, uma fonte de identidade como elemento constitutivo dos grupos humanos que a habitam (DORFMAN, 2009, p. 2). Se por um lado, é costume frequente representar os espaços fronteiriços como objeto de separação, por dicotomias, "eu" *contra* "outro", "nós" *contra* "eles", e, por processos de concepções binárias – espiritual/físico, dentro/fora, leal/desleal, bom/mau, justo/injusto, fiel/infiel, puro/impuro, sagrado/profano etc. – por outro lado, os marcos limítrofes também são ambientes onde as diferenças têm encontro marcado, isto é, toda disjunção é uma relação. Em outras palavras, não poderá haver separação sem que antes exista uma relação de cooperação e, não só isso, sem que haja consciência dela. Só pode ser separado o que antes estava unido.

Como escreveu Desroche (1985, p. 153): o dever do homem de nosso tempo é o de aceitar como uma realidade, a imperfeição da sociedade e que a sociedade não pode ser perfeita. No entanto, os sonhos, as imaginações e a utopia idealista são necessários para reformá-la, para melhorá-la e fazê-la progredir sem cessar e continuamente. Aliás, essa é uma matéria percebida na formação de identidade de qualquer grupo que queira se sobressair aos demais, isto é, as formas de rebelião e de mobilização são legitimadas ora pelas mensagens de transformações e de mudanças, liberação parcial do sagrado (no caso das religiões), futuro

melhor e utópico (esperança), lutas e subversões às instituições hegemônicas, entre outras.

Esse movimento de fronteira evidenciada pela aproximação e distanciamento, união e separação, formação de identidade, reforma e/ou melhoramentos, pode ser percebido na formação do Judaísmo Primitivo, quando os judaítas descendentes da elite exilada às terras babilônicas, com o apoio do império persa, vêm à Judá e resolvem reconstruir Jerusalém e seu templo. Para tamanho empreendimento, a nova comunidade judaíta viu a necessidade (para não ser absolvida no vasto império e, para sobressair sobre os demais povos) de criar e formar uma identidade que a diferisse dos outros.

Não é nossa pretensão nem objetivo nesse artigo, fazermos uma análise histórica e cronológica sobre a fundação e a origem do povo de Israel, mas sim, a partir da nova comunidade judaíta (séculos VI ao II a.C.), apresentarmos e discutirmos sucintamente a maneira como os outros povos são descritos, mencionados e imaginados na perspectiva da narrativa das memórias de Neemias, e como os espaços fronteiriços são lugares de separação e união, mediante processos e aparelhamento de diferenciação, alteridade, comunicação, contato, assimilação, binômios e negação do outro.

Neste artigo, analisaremos a formação do Judaísmo Primitivo pelo prisma de três elementos estruturadores de fronteiras, que a partir do século V a.C., em diante, o fez uma religião hegemônica e influenciadora de outras religiões, como o Cristianismo, por exemplo. O exame compreende um tripé que aqui denominamos como "pertença", "estereótipos" e "cisão".

1 Pertença, estereótipo e cisão - delineadores de fronteira religiosa

[...] Interroguei-os sobre os judeus libertados que tinham sobrevivido ao cativeiro e sobre Jerusalém (Ne 1, 2).²

Por norma, os grupamentos religiosos sectários apropriam-se de processos de marcação de

² Todas as citações bíblicas são da *Bíblia de Jerusalém*. Em casos excepcionais ou necessários de outras traduções, faremos a devida citação.

diferenciação binária dependente, "eu *versus* ele/ outro"; "nós *versus* eles". Assim, diferenciar é imprescindível e uma questão tanto de existir quanto de ser para essas comunidades. Os grupos considerados diferentes/estranhos ou que pensam de forma dispare, devem ser excluídos e, na melhor das hipóteses, convencidos e/ou transformados. Em contrapartida, os considerados iguais, ou seja, os que não são discordantes, devem ser incluídos ora pela origem (nacionalidade, genealogia, descendência, nativo), ora pela adesão (simpatia, concordância, migração, ingresso etc).

Nesse processo de formação de identidade, especificamente das agremiações religiosas, merecem destaque três elementos delineadores de fronteiras. Antes de apontá-los, faz-se necessário dizer que a observação aqui apresentada, trata de um recorte hermenêutico e analítico da formação do Judaísmo Primitivo entre os séculos V e II a.C., segundo a narrativa do livro de Neemias. Os elementos que exploraremos são: 1) pertença – ocupa-se do reconhecimento que a tradição outorga como forma parcial de identificação; 2) estereótipo – concepções relativamente rígidas e simplificadas demais de um grupo de pessoas em que todos os indivíduos do grupo são rotulados com as características desse grupo³ (DROEBER, 2014, p. 73); e, 3) cisão – trata do choque ético entre culturas religiosas diferentes e a possibilidade de viver uma religião sem os compromissos institucionais, segundo Roger Bastide (apud MENDONÇA, 2004, p. 30).

2 Pertença – quem é e quem não é?

Os estranhos têm que ser impedidos de entrar, e mesmo conservados na ignorância da existência do subuniverso [...] os íntimos, por outro lado, têm de ser mantidos dentro (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 120-121).

Toda agremiação religiosa essencialmente

sectária para se manter homogênea, precisa se apropriar do discurso narrativo de "pertença" (por si só, já é uma fronteira), através do encontro de oposições, exclusão contra inclusão, e/ou binarismos, nós contra eles, nativos contra estrangeiros etc. Isso, porque há a necessidade da sensação de estabilidade e de empoderamento, enfatizando origens e matrizes históricas definidas religiosamente com reivindicação de território, narrativa histórica e nacional, além é claro, de favor sobrenatural (criação dos deuses).

Como a nação ou corporação étnica é imaginada, e onde os limites são traçados, depende crucialmente das respectivas circunstâncias políticas, sociais e econômicas. Desta maneira, os espaços fronteiriços criados pelos diferentes grupos também são lugares de influências ora dadas, ora recebidas, lugar de comunicação e troca, como também decurso de transgressão dos limites, que desafia e obriga a revisão dos acordos. Nesse sentido, os ambientes fronteiriços estão em constante processo de mudanças e variações.

No que diz respeito a questões sagradas, podemos verificar uma espécie de hibridismo como em um processo sincrético, onde o outro é ignorado, mas há combinações de práticas religiosas e em certa medida, também de tradições.

Observando-se a dinâmica conceitual até aqui descrita, as memórias de Neemias quando apresentam os adversários, sejam eles pessoas nominalmente mencionadas ou povos circunvizinhos (Sanabalat, Tobias, Gésem, os árabes, amonitas, moabitas, entre outros), têm como pano de fundo essa caracterização da exclusão pelo símbolo de pertença originária, definido pelo estigma emblemático do título "filhos de Israel", "Israel de YHWH" ou só "Israel" (Ne 1,6; 2,10; 7,73; 8,14, 17; 9,1; 10,39; 12,47; 13,2), também requerido pelos samaritanos yahwistas. Isso significa, que a exclusão requerida pela nova comunidade judaíta, especialmente em relação aos samaritanos,

³ DROEBER (2014, p. 77-78) ao tratar sobre o significado central dos estereótipos para o desenho de fronteiras entre grupos, ela fornece alguns exemplos em sua pesquisa empregados no contexto de Nablus (reduzido da comunidade samaritana e outros grupos étnicos e religiosos, como muçulmanos e cristãos). O mais importante estereótipo sobre os samaritanos é sua aparência física, muito devido a sua estrita "endogamia", onde a incidência de várias formas de incapacidades na comunidade é proporcionalmente muito maior do que nas demais populações. Em uma entrevista com um jovem nablusense, em uma mesa de café, o jovem apontou para uma família e logo disse: "estes são samaritanos". Quando perguntado como sabia, ele segurou as mãos para trás das orelhas e as empurrou-as para frente, indicando um defeito físico – "eles parecem diferentes, você apenas os reconhece", afirmou.

possuem combinações tanto de tradições como de práticas religiosas.

2.1 O elemento de pertença na narrativa de Neemias

[...] Dia e noite eu suplico em favor dos *filhos* de Israel, teus servos, e confesso os pecados dos *filhos* de Israel, que cometemos contra ti [...]

(Ne 1,6, grifo nosso).

O livro bíblico de Neemias (e há outros) é uma narrativa pós-exílica,⁴ e têm como pano de fundo histórico as percepções, tradições, memórias, representações e teologias da comunidade judaíta do antigo reino do Sul, mais precisamente, dos descendentes da elite exilada pelo império neobabilônico, comumente designados de *golah*.

Tanto Neemias como suas memórias (livro ou partes dele) são temas de acalorados debates, principalmente no que tange às questões históricas. Sobre Neemias e sua missão, poucas personagens da Bíblia são tão contraditórias. Para os que o consideram uma figura histórica, ele é um líder exemplar em todas as coisas, a começar pelo significado de seu nome, "YHWH conforta". Outros, consideram-no um traidor do seu povo, por estar e manter vínculo com o império persa. Ainda há os que não o consideram uma personalidade histórica, ele é no máximo um hábil estrategista, ao passar de um mordomo da corte a símbolo de patriotismo nacional.

Visto que não é a historicidade de Neemias que nos interessa neste momento, mas sim, os elementos religiosos e políticos em que a narrativa está ancorada, passaremos à análise, ainda que panoramicamente, de tais princípios como validadores e legitimadores da identidade da nova comunidade judaíta como elementos geradores de fronteiras.

Na súplica de Neemias acima apresentada, a sentença "filhos de Israel" é ao mesmo tempo uma expressão genérica como específica, pois, somos

impelidos a questão de querer saber "quem são estes filhos de Israel", referidos por ele? Descobrimos pelo contexto de toda a narrativa, que se trata dos judaítas que vêm da terra do exílio (Babilônia), e se estabelecem no Sul, na cidade de Jerusalém. Contudo, ao criar esse espaço fronteiriço de diferenciação pela pertença, com ele também surge a preocupação não apenas de manter uma unidade interna, mas também o esforço para preservar a alteridade hegemônica geralmente transgredida em face da exclusão dos outros grupos e comunidades, em especial a maioria daqueles que não sofreram exílio, e em caráter especial, os samaritanos,⁵ que a seu turno também se denominavam "Israel de YHWH", os guardiões da Lei (Torah), conforme as expressões "shamerim" ou "shomerim" sugerem ("guardas", "observadores"⁶).

Ao que tudo indica, são as alterações políticas oriundas da ascensão do império persa, que as relações de fronteira entre judaítas e os povos vizinhos (inclusive os samaritanos), sofrem variações radicais, pois, durante todo o período neobabilônico as fronteiras instituídas, impunham conexões e interconexões culturais. O período persa até o romano é caracterizado tanto pelo surgimento de múltiplas identidades judaítas, quanto por mudanças dramáticas na(s) atitude(s) judaíta(s) em relação aos estrangeiros e vice-versa – variando entre cooperação e hostilidade e, isso, inclui povos vizinhos (estrangeiros) e, especialmente, os samaritanos.⁷

Neste processo narrativo de pertença, há um caminho entre a experiência religiosa e a institucionalização da religião, às vezes curto, às vezes longo, que em certos casos se completa e noutros não (MENDONÇA, 2004, p. 30). Portanto, é essa percepção de pertença exclusiva pela exclusão, que demarcará as novas fronteiras entre judaítas e demais povos. Müller, Gerzson e Efrom (2007, p. 4) dizem que: nas relações de fronteiras, devem ser considerados os pactos internos firmados

⁴ Se considerarmos que a narrativa de Neemias corresponde a eventos ocorridos no V século a.C., esse termo é equivocado, pois os cativos passam a ser exilados em suas próprias terras. Mas, se considerarmos que os eventos narrados têm seu pano de fundo o período hasmoneu, então, o termo é devidamente apropriado.

⁵ Sobre a terminologia cf. HENSEL (2018, p. 35, nota n.º 2); SCHORCH (2005, 2013).

⁶ Para maiores detalhes cf. HJELM (2016, p. 2).

⁷ Cf. SCHORCH (2013, p. 135).

entre os grupos envolvidos. Se em determinado momento é conveniente deixar a relação fraterna se sobressair, em outros, passa a ser conveniente manter ou alimentar a rivalidade e tensão.⁸

É a segunda sentença do argumento de Müller, Gerzson e Efrom, que a nova comunidade judaíta que vêm da Babilônia, e se estabelece em Jerusalém, utiliza para a criação de sua nova identidade, isto é, os acordos internos aparentemente firmados em tempos anteriores, são bruscamente rompidos e os limites de cooperação são removidos, para o ingresso de limites fronteiriços em que a rivalidade, a tensão e a diferenciação devem ser alimentadas para que consiga sobreviver. Aliás, essa é uma característica notável na criação e na formação de identidade dos diferentes grupos, sejam étnicos, religiosos ou outros.

No que diz respeito à relação entre judaítas e samaritanos, por exemplo, esse processo de rivalidades e tensões, levou cerca de três a quatro séculos para que uma cisão definitiva ocorresse. Essa ruptura e mudança fundamental pode ser datada para o II século a.C., pois, antes disso, os pré-samaritanos se referiam e eram considerados parte de uma estrutura social, religiosa e étnica que era comum ao judaísmo do Segundo Templo, em geral. Outro exemplo muito apreciado por biblistas, é o caos social de Ne 5.

As mulheres revoltosas e requerentes de Ne 5, deixam-nos em dúvida, quanto à nacionalidade. Não sabemos se eram nativas ou estrangeiras, mas, certamente, as novas medidas exclusivistas e segregacionistas de Neemias e seus apoiadores, acentuaram a situação que já estava difícil. Nesta mesma linha de considerações, alguns comentaristas dizem que o livro de Rute (por ser ela uma moabita), é uma crítica ao projeto e às medidas instauradas por Neemias.

3 Estereótipo – artifício de diferenciação

O capital simbólico parece ser mais relevante no que diz respeito às práticas distintivas entre os membros das comunidades religiosas, servindo

inclusive, como instrumento de dominação. Criar e sustentar distinções é, portanto, uma das muitas estratégias para perpetuar a estrutura e a ordem social (DROEBER, 2014, p. 56-57).

Toda formação de identidade, se apoia na ideia de perpetuação. Em sua narrativa de pertença, agarram-se ao domínio discursivo do conhecimento da verdade, e nos grupos de matriz religiosa (especialmente as denominadas cristãs) essa compreensão aparece em uma espécie de senhorio rígido do sagrado e do divino. É pela contestação (não necessariamente intelectual) dessa rigidez, que por norma, as mudanças institucionais ocorrem, pois, quanto maior a austeridade e a inflexibilidade, maior a possibilidade de divergências no interior das religiões instituídas. Portanto, a formação dos grupos distintos (e aqui me refiro aos religiosos), além de uma suposta liberação, ainda que parcial do sagrado, utiliza-se de estereótipos para se destacarem.

Os estereótipos são elementos de oportunidades para que determinado grupo se eleve em relação a outros e sua própria comunidade. Também são formas de denegrir o outro sem muito medo de sanções. Scott (apud DROEBER, 2014, p. 74), considera os estereótipos como "discurso velado de dignidade e autoafirmação dentro da transcrição pública". Nesse sentido, os agrupamentos não apenas sofrem mudanças internas, como quando normas e comportamentos são renegociados e manipulados, eles também enfrentam desafios constantes de fora, como por meio do contato com outros grupos que diferem dos seus (MENDONÇA, 2014, p. 43). Por essa razão, usar os estereótipos, não se trata apenas de um resguardar-se, mas também uma tentativa de manter e preservar certa estabilidade e unidade no interior.

Os estereótipos como artifícios de diferenciação, são elementos constitutivos em culturas que estão em trânsito, por um intenso processo de re-marcações. Para Bhabha (1998, p. 24), os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições

⁸ No tocante a identidade samaritana em oposição a identidade judaíta de forma geral, três pontos são característicos: 1) o Monte Gerizim e não Jerusalém como o lugar central de adoração; 2) o uso de uma versão distinta da Torah; 3) a referência a uma tradição exclusiva, implicando que a sua autenticidade como "Israel" é verdadeira em termos históricos e religiosos (SCHORCH, 2013, p. 135).

históricas, ou comunidades étnicas orgânicas, enquanto base de comparativismo cultural, estão em profundo processo de redefinição.

Os estereótipos servem como um sistema de interlocução moral, e não só, ou necessariamente de deficiência congênita e/ou física, mas como reconhecimento parcial de identificação outorgado pela tradição e traz consigo possibilidade conflituosa, realinhando as fronteiras e desafiando as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (BHABHA, 1998, p. 21). A intenção objetiva, portanto, utilizando-se desses princípios e observando-os a partir do ponto de vista dos judaitas em relação aos demais povos vizinhos, encontramos na narrativa de "purificação" de tudo o que é considerado imoral, infiel, profano, estrangeiro e estranho, os seus estereótipos de elevação.

3.1 Os estereótipos na narrativa de Neemias como elemento de majoração

Quando Sanabalat, o *haronita*, e Tobias, o *funcionário amonita* foram informados disso, mostraram-se muito aborrecidos, pelo fato de ter chegado alguém para *trabalhar em benefício* dos filhos de Israel (Ne 1.10, grifo nosso).

Naqueles dias também, encontrei judeus que se tinham casado com *mulheres azotitas, amonitas e moabitas*. Quanto a seus filhos, a metade falava a *língua de Azoto ou a língua deste ou daquele povo*, mas não mais sabiam falar a *língua dos judeus* (Ne 13.23-24, grifo nosso).

Portanto, purifiquei-os de todo elemento estrangeiro (Ne 13.30a).

As designações étnicas, "haronita", "funcionário amonita" e "mulheres azotitas, amonitas e moabitas", são em certa medida, estereótipos de diferenciação e não apenas uma identificação étnica. Portanto, na proposição narrativa, é algo que deve ser evitado pelo prisma da divisa "puro" *contra* "impuro", "nativo" *contra* "estrangeiro"; senão a lealdade exigida, vigiada e questionada regularmente não sobreviverá às resistências e influências estrangeiras, pois, conforme argumenta Droeber (2014, p. 60): onde houver grupos e limites, haverá áreas marginais, e essas áreas marginais abrigam perigos para a existência dos próprios grupos. A expressão, "trabalhar em be-

nefício", também faz ou apresenta um estereótipo instrumental de anulação ao aspecto de estrutura moral, produzido pelos judaitas em relação a Sanabalat, Tobias e às mulheres estrangeiras.

A suposta preocupação com a "língua dos judeus", é a demarcação intencional da comunidade judaíta em se definir como grupo étnico, pois, se dirige a um grupo de pessoas que compartilham da mesma cultura, e em especial, da mesma língua ou idioma, discurso inclusive muito comum entre os diferentes grupos em sua maneira de ser ou existir, em busca de uma unidade sempre questionada e nunca atingível.

Ao saber disso, Sanabalat, o *haronita*, Tobias, o *funcionário amonita*, e Gosém, o *árabe*, zombaram de nós e olharam-no com desprezo, dizendo: "Que é que estais fazendo? Uma revolta contra o rei"? Mas respondi-lhes nestes termos: "É o Deus do céu que nos fará triunfar. Nós, seus servos, vamos começar a construir. Quanto a vós, *não tendes parte, nem direito, nem lembrança em Jerusalém* (Ne 1.19-20, grifo nosso).

Como podemos perceber na descrição acima, os estereótipos também servem de aparelhamento de defesa e de elemento legitimador para diferenciar, excluir, privar e desassociar. Para as causas da comunidade judaíta (assim como para os grupos religiosos), esses grupos que estavam sendo banidos às margens da sociedade, representados por suas lideranças (Sanabalat, Tobias, Gosém, as mulheres estrangeiras), sendo vistas como perigosas, seus elementos de risco deveriam ser mantidos sob controle, limitados, separados e evitados. A essa estrutura moral, os estereótipos são indispensáveis e fundamentais para o processo de purificação, para que a nova comunidade pudesse se elevar sobre as demais.

Em resumo, os estereótipos auxiliam as comunidades ou grupos étnicos e religiosos a lidarem com as diferenças internas, pois, é fundamental para a sobrevivência da comunidade como grupo distinto, que precisa manter a aparência de unidade para o universo exterior.

No entanto, para que os estereótipos sejam um instrumental legal, é necessária a existência de aparelhamento(s) legitimador(es). No caso das comunidades ou agrupamentos religiosos, a vontade do

seu deus é a lei fundante, autoritativa e validadora deles e, por norma, as diretrizes estão transcritas em um livro sagrado. Nas memórias de Neemias, temos um exemplo prático disso, vejamos:

Naquele tempo, fez-se ao povo uma leitura do *livro de Moisés* e lá se achou *escrito* o seguinte: O amonita e o moabita não serão admitidos na assembleia de Deus, e isto para sempre (Ne 13,1, grifo nosso).

Essa transcrição nas memórias de Neemias, especificamente a parte final do versículo, é uma nítida alteração de Dt 23,3-4. Em Deuteronômio a exclusão não é definitiva, pois, aplica-se até à décima geração, enquanto, em Ne 13, ambos os povos, isto é, amonitas e moabitas são definitivamente descartados, conforme se percebe na expressão "jamais". O resultado pretendido e esperado está transcrito em Ne 13,3 (grifo nosso): "Logo que ouvimos a *leitura da Lei*, foi excluído de Israel todo elemento estrangeiro".

4 Cisão – ruptura pelo reconhecimento e negação do outro

Duas nações detestam minha alma, e a terceira não é nem um povo: os que vivem em Seir, e os filisteus, e as pessoas tolas que vivem em Siquém, Ben Sirac (Eclo 50,25-26).

Duas nações detestam a minha alma, e a terceira não é nem um povo: os que vivem em Samaria, e os filisteus, e os insensatos que vivem em Siquém (Tradução grega).

As fronteiras não são apenas espaços para transgressão dos limites, mas também lugar de comunicação e troca. Müller, Gerzson e Efrom (2007, p. 1) dizem que: no ambiente de fronteira, vários são os campos sociais e as relações instituídas que trazem reflexos nas dinâmicas das rotinas ali instauradas. Desta forma, as fronteiras são palcos para negociações e conflitos, aproximações e distanciamentos, e abrigam a pluralidade que em certas circunstâncias permitem interconexões culturais. Assim, as fronteiras são ao mesmo tempo, espaços que separam e unem.

Toda criação de identidade exige necessariamente rupturas com as hegemonias instituídas,

ainda que permaneçam traços, costumes, normas e assimilação de tradições, escritos entre outros. As rupturas parecem ser inevitáveis, no entanto, como elas acontecem, mostra-nos que os espaços fronteiriços em seu movimento de separação e distanciamento são lugares de violência (física, psicológica etc.), de uso exagerado da força e de agressões, geralmente legitimadas por um senso de justiça e de vingança e pela convicção de estar praticando o bem. Em nossa percepção, esse é o lado contraditório das formações de identidades.

Aliás, a própria identidade enquanto criação retida em tensões de demanda e do desejável, é em si mesma um espaço de cisão, onde o outro é vitimado pela legitimação do silêncio imposto.

4.1 Cisão – estágio final e primordial na narrativa de Neemias

Naquele tempo, fez-se ao povo uma leitura do livro de Moisés e lá se achou escrito o seguinte: O amonita e o moabita não serão admitidos na assembleia de Deus, e isto para sempre, porque não vieram ao encontro dos filhos de Israel com o pão e a água. Contrataram contra eles Balaão, para os amaldiçoar, mas nosso Deus mudou a maldição em benção. Logo que ouvimos a leitura da Lei, *foi excluído de Israel todo elemento estrangeiro* (Ne 13,1-3, grifo nosso).

Fiquei muito indignado: atirei para fora do aposento, na rua, toda a mobília de Tobias, e ordenei que se purificassem as salas e que se recolocassem nela os utensílios do Templo de Deus, as oferendas e o incenso (Ne 13,8-9, grifo nosso).

Admoestei-os e amaldiçoei-os e bati em diversos, arranquei-lhes os cabelos [...] (Ne 13,25a, grifo nosso).

Todas essas passagens têm algo em comum: a exigência de rupturas mediante separação e exclusão não importando muito o método. Não há preocupação com os métodos, aliás, eles justificam os fins. Outra reação oriunda das rupturas em processos de formação de novas identidades, é o fato da comunidade ou grupo estar acima das demandas sociais, psíquicas e morais, ou ao menos, em caráter inicial, não haver preocupação com elas, inclusive acentuando-as negativamente.

[...] ordenei-lhes, em nome de Deus: não deveis dar vossas filhas aos filhos deles, nem tomar como esposa, para vossos filhos ou para vós mesmos, alguma das filhas deles! (Ne 13,25b).⁹

Diferentemente da posição assumida por Esdras (Ed 9-10), Neemias parece não requerer desposamentos (divórcio e abandono das mulheres e seus filhos/as), mas claro está a despreocupação com os problemas sociais, morais e psíquicos que tais medidas ocasionariam, pois, o que se busca é o bem-estar da nova comunidade em formação. Desta forma, podemos concluir que todas as formas delineadoras em certa medida e ressalvadas às proporções nas demarcações fronteiriças, desempenham um papel social (DESROCHE, 1985, p. 156). Aqui, é o discurso ou narrativa de ruptura que impulsiona a mudança e/ou a melhoria da comunidade.

Em resumo, até aqui tentamos demonstrar que toda separação é a consciência de uma relação que não pode ser negada na criação e na formação das identidades grupais. Nessa mesma linha de consideração, Hall (2006, p. 13) é assertivo quando afirma que: a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Assim, a identidade é "móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Como estágio final, a cisão é legitimada tanto pelo aspecto religioso como pelo político. No aspecto religioso, a separação é orquestrada ora pela diferenciação, ora pela acusação de subversão e de quebra dos supostos acordos, convenções e tradições sociais e religiosas. No político, a diferenciação é um mecanismo a serviço ora libertário daqueles que se sentem preteridos, ora estruturante dos poderes dominantes, legitimados pelo discurso de bem-estar, concessões, autonomia e privilégios.

Todo esse arcabouço pode ser percebido em toda narrativa das memórias de Neemias, especialmente nos capítulos 2, 3 e 6. Em 2,1-9, a narrativa gira em torno do diálogo entre Neemias e o rei, onde o pano de fundo é totalmente político, enquanto em 3,1-32, temos o relato sobre os

construtores do muro e no 6,15-16, a narrativa da finalização dele. Em 2,1-9, Neemias é apresentado obtendo o favor do rei para o estabelecimento de seu plano, onde consegue a adesão e a concessão do rei para ir à cidade de Jerusalém, a emissão de cartas aos governadores da Transeufratênia e uma escolta real para lhe proteger no caminho e garantir que seu projeto seja estabelecido, e concluído no tempo designado.

E o rei me disse: Então, que desejas"? Invoquei o Deus do céu e respondi ao rei: Se apraz ao rei e se estás satisfeito com teu servo, deixa-me ir para Judá, para a cidade santa onde jazem meus pais, a fim de que possa reconstruí-la. O rei perguntou-me, quando a rainha estava sentada a seu lado: Até quando durará tua viagem? Quando voltarás? Marquei-lhe uma data, que convinha ao rei, e ele me autorizou a partir. Eu disse ainda ao rei: Se parece bem ao rei, sejam-me dadas cartas para os governadores da Transeufratênia a fim de que me deixem passar até que chegue a Judá; e também uma carta para Asaf, guarda do parque real, para que forneça madeira de construção para as portas da cidade do Templo, para as muralhas da cidade e para a casa em que vou morar. O rei mo concedeu, pois, a mão benévola de meu Deus estava sobre mim. Fui, pois, ter com os governadores da Transeufratênia e entreguei-lhes as cartas do rei. O rei me mandara escoltar por oficiais do exército e cavaleiros (Ne 2,4-9).

Já em 3,1-32, temos a relação nominal e por famílias daqueles que voluntariamente se inscreveram para levar adiante o plano de restaurar a cidade de Jerusalém e seu templo. Junto à narrativa de 6,15-16, todos os capítulos apresentam valores simbólicos importantes no processo de formação da identidade da nova comunidade judaíta. Em primeiro lugar, Neemias é alguém investido de autoridade e representa as duas maiores forças de domínio do seu tempo – YHWH, o Deus dos céus e o rei, o deus da terra. Em segundo lugar, ao ser retratado como alguém próximo da realeza, Neemias se assemelha a grandes vultos da Bíblia, tais como Moisés e José. Em terceiro lugar, o relato da construção de um muro (físico ou fictício) reforça mediante seu valor simbólico a ideia de pertença exclusivista e a necessidade de separação com os demais povos, objetivo esse alcançado, ao menos na narrativa, em Ne 13.

⁹ Em Esdras 10,1-14, as medidas são mais drásticas, pois, as mulheres estrangeiras com seus filhos são despedidas (desposadas).

É, portanto, esse entrelaçamento entre religião e política que demarcará e legitimará o discurso narrativo de diferenciação da nova comunidade judaíta sob o tripé de pertença, dos estereótipos e, por fim, da cisão.

Considerações finais

Os estudos sociais e antropológicos das "fronteiras" geralmente partem das instituições hegemônicas em relação às minorias, um binarismo entre centro *contra* periferia. Ao analisarmos a formação inicial do Judaísmo Primitivo, somos instigados a fazermos um caminho inverso, isto é, da periferia para o centro, dos grupos minoritários para os hegemônicos e, assim, perceber que longe do discurso, aquilo que mais se condena pode ser aquilo que mais se realiza. No período persa, a nova comunidade judaíta era pequena e inferior em matéria de população e recursos, comparada às demais comunidades ao seu redor,¹⁰ embora, conforme apresenta a narrativa de Neemias, tivesse o apoio do império persa. No entanto, séculos depois, a pequena e insignificante comunidade judaíta, assume a hegemonia religiosa que influenciaria outras grandes religiões universais, como o Cristianismo, por exemplo.

A partir dos relatos de Neemias, percebemos que no processo de criação e de formação das identidades dos grupos minoritários, como era a comunidade dos judaítas, elas também se valem do aparelhamento de inclusão e de exclusão e de binarismos, tais como puro e impuro, justo e injusto, leal e desleal, fiel e infiel, nativo e estrangeiro, verdade e mentira, sagrado e profano etc. Também utilizam dos mecanismos geradores de fronteiras como o discurso de pertença pela diferenciação, dos estereótipos para se elevar acima dos demais, e das cisões, inclusive por meio do uso da violência (física, psicológica), do uso excessivo da força e de agressões em uma tentativa não apenas de se estabelecerem, mas também de não serem dissolvidos pelas forças hegemônicas.

No processo de formação de identidade dos

grupos religiosos, duas frentes são indispensáveis, a saber: 1) o próprio elemento religioso; e, 2) o elemento político. Nas memórias de Neemias, percebemos que ambas são âncoras no processo de formação da identidade da nova comunidade judaíta e, posteriormente, na compactação e na constituição do Judaísmo Primitivo, e que os rudimentos fomentadores de fronteiras como pertença, estereótipos e cisão foram primordiais tanto em sua existência quanto em sua sobrevivência, para se elevar acima das outras comunidades ao seu redor.

Referências

- BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. 22. ed. Tradução de FERNANDES, Floriano de Souza. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de ÁVILA, Myriam, REIS, Eliane Lourenço de Lima e GONÇALVES, Gláucia Remate. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.
- DA SILVA, Omar João. *Intensificação dos conflitos religiosos, étnicos e sociais na reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias (Ne 2,1-10)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018. <https://doi.org/10.34024/pensata.2012.v1.9301>
- DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- DORFMAN, Adriana. *A Cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória*. Disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/base/items/show/743>. Acesso em: 9 out. 2019.
- DROEBER, Julia. *The Dynamics of Coexistence in the Middle East. Negotiating Boundaries Between Christians, Muslims, Jews and Samaritans*. London-New York: I. B. Taurus, 2014. <https://doi.org/10.5040/9780755608225>
- FINKELSTEIN, Israel. *Jerusalem in the Persian (and Early Hellenistic) Period and the wall of Nehemiah*. JSOT, 2008. Disponível em: <http://jsot.sagepub.com/>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- FINKELSTEIN, Israel. *Archaeology and the list of returnees in the books of Ezra and Nehemiah*. Disponível em: <https://israelfinkelstein.files.wordpress.com/2013/07/list-ofreturnees-peq-2008.pdf/>. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹⁰ Sobre a discussão do tamanho de Judá e sua população, sugiro a leitura de alguns artigos de FINKELSTEIN (2008, 2015), LIPSCHITS (2005, 2007) e do III cap. de minha dissertação de Mestrado sob o tema: *Intensificação dos Conflitos Religiosos, Étnicos e Sociais na reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias (Ne 2.1-10)*.

HENSEL, Benedikt. *The Chronicler's Polemics towards the Samaritan YHWH Worshipers: A Fresh Approach*. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110617306-003>. Acesso em: 10 jan. 2019. <https://doi.org/10.1515/9783110617306-003>

HJELM, Ingrid. *Samaritans*. 2016. Disponível em <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199699445.001.0001/oxfordhb-9780199699445-e-24>. Acesso em: 02 ago. 2019. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199699445.013.24>

LIPSCHITS, Oded. *The Fall and Rise of Jerusalem*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2005. <https://doi.org/10.5325/j.ctv1bxh5fd>

LIPSCHITS, Oded; KNOPPERS, Gary N.; ALBERTZ, Rainer (ed.). *Judah and Judeans in the Fourth Century B.C.E.* Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *A experiência religiosa e a institucionalização da religião*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 nov. 2019.

MÜLLER, Karla M.; GERZSON, Vera R. S.; EFROM, Bianca. *Interconexões de fronteiras culturais: entre o local e o organizacional*. Disponível em: <http://docplayer.com.br/47284293-Interconexoes-de-fronteiras-culturais-entre-o-local-e-o-organizacional-acm-acj-fronteira.html>. Acesso em: 09 out. 2019.

SCHORCH, Stefan. *The Construction of Samari(t) an Identity from the Inside and from the Outside*. In: ALBERTZ, Rainer; WÖHRLE (ed.). *Between Cooperation and Hostility. Multiple Identities in Ancient Judaism and the Interaction with Foreign Powers*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co, KG, 2013. p. 135-147. <https://doi.org/10.13109/9783666550515.135>

SCHORCH, Stefan. *The Origin of the Samaritan Community*. In: MAJEWICZ, Alfred F. (ed.); GACA, Maciej; MAJEWICZ, Elzbieta (assist. ed.). *Linguistic and Oriental Studies from Poznan*. Vol.7. Poznan: Adam Mickiewicz University Institute of Oriental Studies, [2005].

Omar João da Silva

Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Omar João da Silva

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Rua Alfeu Tavares, 149

Rudge Ramos, 09641-000

São Bernardo do Campo, SP, Brasil